

Caro(a) aluno(a),

O mundo contemporâneo é marcado pela diversidade, que se revela na riqueza de línguas, religiões e modos de viver, de se alimentar, de se vestir, enfim, de produzir cultura.

Na escola, essa diversidade se manifesta no currículo de todas as áreas, mas é especialmente em Ciências Humanas que ela é tomada como objeto de estudo. Os lugares, os tempos, as sociedades humanas e suas formas de pensar e de produzir conhecimento são objetos de estudo da Filosofia, da Geografia, da História e da Sociologia.

Durante o ano letivo, após o contato com os conhecimentos produzidos pelas Ciências Humanas, você poderá compreender melhor a vida em sociedade e as transformações que ocorrem no mundo, em seus aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. Você perceberá como a intervenção humana em aspectos naturais do planeta pode transformar as relações de trabalho, promover o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, gerar problemas ambientais, sociais, guerras e conflitos entre povos e nações. Além disso, as aulas o ajudarão a compreender que a aproximação entre diferentes povos e culturas estimula o intercâmbio entre eles, podendo reforçar identidades e criar novos laços de solidariedade. Você também terá oportunidade de estudar temas relacionados à produção de conhecimento – tecnológico, artístico e cultural –, que se expressam em diferentes linguagens, formas de expressão e movimentos sociais e culturais.

Nas disciplinas dessa área, você perceberá também a importância dos valores e atitudes que envolvem a solidariedade, o respeito à vida, à natureza e às diferentes culturas, a democracia, a ética, além de outros valores fundamentais para a preservação do planeta.

Assim, desejamos que você, estudante do Ensino Médio, ao apropriar-se dos conhecimentos das Ciências Humanas, possa atuar de forma respeitosa e cidadã no mundo em que vivemos.

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Equipe Técnica de Ciências Humanas





SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 O PRECONCEITO EM RELAÇÃO À FILOSOFIA

Ideias que as pessoas têm da Filosofia

1. Observe as fotos a seguir e atribua uma profissão a cada uma das pessoas retratadas, apresentando pelo menos um argumento para justificar a profissão atribuída.

1



© Roger-Viollet/Topfoto-Grupo Keystone

2



© Heritage/The Print Collector-Grupo Keystone

3



© Heritage/The Print Collector-Grupo Keystone

4



Divulgação

Foto	Profissão	Argumento
1		
2		
3		
4		

- Agora, responda:
2. Que critérios você utilizou para atribuir a cada uma dessas pessoas?

 3. Em sua opinião, quem dentre essas pessoas mais se assemelha a um filósofo ou filósofa? Por quê?

 4. Houve preconceito em suas respostas?



Leitura e Análise de Texto

Ideias que as pessoas têm da Filosofia

Se fizermos uma rápida pesquisa com as pessoas à nossa volta, indagando o que elas pensam da Filosofia, muito provavelmente ouviremos opiniões diversas. Um dirão, por exemplo, que a Filosofia é algo muito difícil e que, por isso mesmo, só pode ser praticada por pessoas de inteligência privilegiada, sendo inacessível aos “simples mortais”; outras responderão que a Filosofia é coisa de gente doida, que vive no mundo da lua e que só se preocupa com assuntos abstratos, e que ela, a Filosofia, nada tem a ver com a vida prática; outras, ainda, concordando com essas últimas, emendarão que a Filosofia, por não ter uma aplicação prática imediata, não serve para nada. Pode ser que alguém, remando contra toda essa maré de opiniões pejorativas a respeito da Filosofia, se arrisque a dizer que a considera uma matéria linda, já que permite o contato com o pensamento dos filósofos, expresso em frases de rara profundidade e beleza, ainda que, por vezes, incompreensíveis; por fim, certamente haverá também aquelas que confessarão, com algum sarcasmo ou menosprezo, não ter a menor ideia do que seja a Filosofia.

Todas essas opiniões, na realidade, são, pelo menos em certa medida, expressão de um preconceito em relação à Filosofia. Por que preconceito? Porque, em geral, são opiniões emitidas apressadamente, precipitadamente, sem a preocupação de examinar com o devido cuidado o assunto sobre o qual se está opinando a fim de conhecê-lo melhor. É justamente isso que caracteriza o preconceito. Sempre que fazemos isso corremos mais seriamente o risco de nos enganar em nosso julgamento e até de cometer injustiças com as pessoas.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

- Discuta com seus colegas as seguintes questões:

1. Você se considera preconceituoso em relação a alguma coisa? Argumente.

2. E em relação à Filosofia? Justifique.



LIÇÃO DE CASA



1. Entreviste uma pessoa conhecida para identificar o que ela sabe sobre a Filosofia. Anote, separadamente, os *adjetivos positivos* e os *negativos* que aparecerem. Na aula seguinte, o resultado dessa entrevista será trabalhado em grupos, cada qual devendo apresentar à sala uma síntese comentada das respostas obtidas.

Tome nota!

Anote aqui a data da aula seguinte em que você deverá apresentar o resultado da sua entrevista:

____/____/____.

Perguntas	Adjetivos (+)	Adjetivos (-)
1. Cite dois adjetivos que você atribuiria à Filosofia.		
2. O que é Filosofia para você?		
3. Na sua opinião, para que serve a Filosofia?		
4. Na sua opinião, o que faz um filósofo e o que uma pessoa precisa fazer para filosofar?		

Tales de Mileto: o distraído

1. Analise com seus colegas as respostas obtidas nas entrevistas, procurando identificar que opinião sobre a Filosofia predomina. Discuta e comente o resultado. A que você o atribui?



Leitura e Análise de Texto

Tales de Mileto: o distraído

O preconceito e a hostilidade em relação à Filosofia não são algo novo, recente, mas, ao contrário, remontam às origens da Filosofia na Grécia Antiga.

Talvez o registro mais antigo desse preconceito seja aquele de que foi vítima Tales de Mileto, que viveu no século VII a.C. e é considerado o primeiro filósofo da história. A respeito dele contava-se a seguinte anedota, bastante difundida na Grécia Antiga e recuperada por Platão em sua obra *Teeteto*¹: Tales era tão interessado no estudo dos astros que costumava caminhar olhando para o céu. Certo dia, absorto em seus pensamentos e raciocínios, acabou tropeçando e caindo em um poço, sendo motivo de riso e caçoada para uma escrava que ali se encontrava. Espalhou-se, então, o boato de que Tales se preocupava mais com as coisas do céu, esquecendo-se das que estavam debaixo de seus pés. “Essa pilhéria”, adverte Platão, “se aplica a todos os que vivem para a Filosofia.”²

Essa imagem de um homem distraído e trapalhão, porém, não parece condizer com a verdade sobre Tales, que, ao que tudo indica, era uma pessoa bem esperta, viva e inteligente. É o que se conclui, por exemplo, de outra anedota contada sobre ele, registrada por Aristóteles em sua obra *A política* e atribuída a Tales por causa de sua sabedoria:

“Como o censuravam pela pobreza e zombavam de sua inútil filosofia, o conhecimento dos astros permitiu-lhe prever que haveria abundância de olivas. Tendo juntado todo o dinheiro que podia, ele alugou, antes do fim do inverno, todas as prensas de óleo de Mileto e de Quios. Conseguiu-as a bom preço, porque ninguém oferecera melhor e ele dera algum adiantamento. Feita a colheita, muitas pessoas apareceram ao mesmo tempo para conseguir as prensas e ele as alugou pelo preço que quis. Tendo ganhado muito dinheiro, mostrou a seus amigos que para os filósofos era muito fácil enriquecer, mas que eles não se importavam com isso. Foi assim que mostrou sua sabedoria.”³

Na verdade, Tales deve ter gozado de grande prestígio em sua época. Tanto que passou para a posteridade como um dos sete sábios da Grécia⁴: na política, empenhou-se em organizar as cidades gregas da Jônia para enfrentar a ameaça dos persas; como engenheiro, quis desviar o curso de alguns rios para fins de navegação e irrigação; como pesquisador, investigou as causas das inundações do rio Nilo, rompendo com as explicações míticas que se davam para elas; como astrônomo, previu um eclipse solar e descobriu a constelação denominada Ursa Menor; como matemático e geômetra, teria descoberto um método para medir a altura de uma pirâmide do Egito, do qual teria derivado o famoso “teorema de Tales”.

Além disso, não podemos esquecer que Tales foi, segundo Aristóteles, o primeiro a dar uma resposta racional, isto é, sem recorrer aos mitos, para a pergunta que mais incomodava os primeiros filósofos (os chamados pré-socráticos ou filósofos físicos): Qual era o elemento primordial que dava origem a todas as coisas? Para Tales esse elemento era a água, por ela estar presente nos alimentos necessários à vida, pelo fato de as coisas vivas serem úmidas, enquanto

as mortas ressecam e porque a Terra repousa sobre as águas. Daí sua conclusão de que ela deve ter sido o elemento primordial.

Vemos, portanto, que Tales, ao contrário do que sugere a primeira anedota, não tinha nada de lunático, distraído e desligado dos problemas concretos. Pôs toda a sua inteligência, curiosidade e criatividade a serviço da busca de soluções para eles, sobretudo aqueles mais importantes e urgentes em sua época. Eis por que a tal anedota revela, de fato, um preconceito, isto é, um conceito precipitado e desprovido de fundamentação.

¹ PLATÃO. *Diálogos*. Teeteto/Crátilo. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001. p. 83 [174a].

² Idem.

³ ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 30.

⁴ De fato, atribuem-se a ele inúmeros feitos importantes, como revela a professora e filósofa Marilena Chaui, em *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 55.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

1. Na sua opinião, Tales foi vítima de preconceito? Por quê?

2. De acordo com o excerto de Aristóteles, e baseado nos outros dados do texto analisado, você consideraria a filosofia de Tales como algo sem utilidade? Justifique.

3. E quanto a você? Já sofreu algum preconceito? Se desejar, conte ao grupo.

4. Você acredita que uma pessoa que passe a se interessar pela Filosofia será alvo de preconceito, hostilidade ou rejeição? Por quê? Teme que isso aconteça com você?



PESQUISA INDIVIDUAL

1. Faça uma pesquisa sobre Tales e os filósofos pré-socráticos procurando responder às seguintes perguntas:

a) Por que são chamados de pré-socráticos?

b) Por que Tales é considerado o primeiro filósofo da história?

c) Quais são as respostas de outros pré-socráticos para o problema da origem do universo?

d) Com o auxílio do quadro a seguir, faça uma relação dos filósofos pré-socráticos que encontrou, incluindo: nome, contexto histórico (local, século e acontecimentos importantes da época em que viveram), escola filosófica a que pertencem, principais ideias que defendem.

exemplo, o viam como sábio, patriota, respeitador das leis e da religião, piedoso, justo, valeroso como guerreiro nas batalhas etc., seus críticos o retratavam como uma pessoa esquisita, deslocada, excêntrica, charlatã, corruptor de jovens e ímpio.

De todos esses testemunhos pouco elogiosos sobre Sócrates, sem dúvida o mais significativo que chegou até nós foi a imagem dele traçada por Aristófanes¹ na comédia *As nuvens*.

Neste texto, aparece um Sócrates “se movendo livremente, proclamando que caminhava no ar e dizendo uma plêiade de outras tolices” das quais não entende nada². É um Sócrates mestre dos sofistas, isto é, charlatão, enganador e que ensinava às pessoas a arte desse engano. Aliás, essa imagem dos sofistas também era, em boa medida, preconceituosa. Na peça de Aristófanes, ele surge em cena empoleirado em uma cesta suspensa no ar, significando que ele vivia nas alturas, preocupado com questões de cosmologia e de astronomia (movimento dos astros, origem do universo etc.), ou com assuntos sem a menor relevância, como a medida do pulo de uma pulga, ou se o zumbido de um mosquito é produzido por sua tromba ou seu traseiro, ficando totalmente alheio aos problemas realmente importantes da vida dos cidadãos de Atenas. A certa altura, um dos discípulos conta que, certa vez, “uma lagartixa atrapalhou uma indagação transcendental” de Sócrates. Isso aconteceu, segundo o relato, quando ele “observava a lua para estudar o curso e as evoluções dela, no momento em que ele olhava de boca aberta para o céu, do alto do teto uma lagartixa noturna, dessas pintadas, defecou na boca dele”³.

Essa imagem depreciativa e até cômica de Sócrates provavelmente revela a ideia que a maioria das pessoas tinha a respeito dele e dos filósofos em geral. No entanto, é uma imagem bastante distorcida. Na realidade, Sócrates e os sofistas inauguraram um novo período na história da Filosofia em que a reflexão filosófica se desloca da cosmologia e da física (*princípio que dá origem a todas as coisas*) para as questões relativas à vida concreta na cidade (*pólis*), isto é, à política, à ética, ao conhecimento. Os assuntos que ele gostava de abordar eram a justiça, a beleza, a coragem, o amor, a educação, entre outros. Vem daí, aliás, a denominação de pré-socráticos atribuída aos filósofos anteriores a ele. Não tanto por razões de cronologia, mas principalmente pela diferença quanto aos temas da reflexão filosófica.

Além disso, no que se refere aos sofistas, Sócrates tinha, certamente, muito mais diferenças e mesmo divergências com eles do que semelhanças. Enquanto os sofistas se apresentavam como sábios, isto é, pessoas entendidas em diversos assuntos, especialmente na técnica da retórica, Sócrates dizia: “Sei que nada sei”; enquanto os sofistas cobravam pelos ensinamentos que ministravam, Sócrates condenava essa prática e filosofava com as pessoas gratuitamente na praça (*ágora*) de Atenas; enquanto os sofistas eram céticos em relação à possibilidade de se conhecer a verdade universal, Sócrates a perseguia incansavelmente; enquanto os sofistas contentavam-se com a opinião (*doxa*), Sócrates exigia o saber verdadeiro (*episteme*).

A respeito dos sofistas, diz Sócrates ironicamente por ocasião de seu julgamento: “Cada um desses homens [...] é capaz de dirigir-se a qualquer cidade e persuadir os jovens,

os quais podem se associar, segundo queiram, com qualquer de seus concidadãos sem pagar, a deixar a companhia dessa pessoa para se juntarem a ele, remunerá-lo e, além disso, mostrar-lhe gratidão”⁴.

Vemos, assim, que a imagem de Sócrates traçada por Aristófanes, procurando retratá-lo como alguém que anda nas nuvens, preocupado com assuntos alheios ao cotidiano das pessoas e identificado com os sofistas, não corresponde à verdade sobre ele. Ao contrário, baseia-se em um preconceito, a exemplo do que ocorrera com a anedota sobre Tales.

É interessante observar que em seu julgamento Sócrates faz menção à comédia de Aristófanes (*As nuvens*) como um dos fatores que provocaram as acusações contra ele.⁵

¹ ARISTÓFANES. *As nuvens; Só para mulheres; Um deus chamado dinheiro*. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 11-101.

² PLATÃO. Apologia de Sócrates. *Diálogos socráticos III*. Tradução Edson Bini. São Paulo/Bauru: Edipro, 2008. p. 139-140 [19 c].

³ ARISTÓFANES. Op. cit. p. 21.

⁴ PLATÃO. Op. cit. p. 140 [19 e-20a].

⁵ Idem, p. 139 [19c].

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

- Discuta com seus colegas as seguintes questões:

1. A comédia e o humor podem ser formas de propagação de preconceitos? Justifique sua resposta e, se possível, dê exemplos.

2. Essas formas de manifestação artística e cultural são importantes para a democracia? Justifique.

3. Você vê alguma semelhança entre o papel da comédia no tempo de Sócrates e o dos programas humorísticos atuais? Dê exemplos e comente.



PESQUISA INDIVIDUAL

- Releia o texto apresentado e consulte as fontes indicadas por seu professor. Faça uma pesquisa para responder às seguintes questões:

1. O que foi a comédia e qual a sua importância para a democracia ateniense? Cite alguns dos principais comediógrafos e suas obras.

2. Pode-se afirmar que a imagem de Sócrates construída por Aristófanes é preconceituosa? Por quê? Em que sentido?

3. Como era a democracia ateniense e em que ela se diferencia da democracia brasileira atual?

4. Quais são as principais diferenças entre Sócrates, os filósofos pré-socráticos e os sofistas? Responda preenchendo o quadro a seguir.

Sócrates	Pré-socráticos	Sofistas

A morte de Sócrates

Discuta brevemente com um colega sobre a seguinte questão: Como é possível alguém ser a pessoa mais sábia que existe e, ao mesmo tempo, ser também alguém que nada sabe? Utilize o texto a seguir para embasar esta discussão.



Leitura e Análise de Texto

A morte de Sócrates

De acordo com Platão, as acusações contra Sócrates foram:

“Sócrates é réu por empenhar-se com excesso de zelo, de maneira supérflua e indiscreta, na investigação de coisas sob a terra e nos céus, fortalecendo o argumento mais fraco e ensinando essas mesmas coisas a outros.”¹

“Sócrates é réu porque corrompe a juventude e descrê dos deuses do Estado, crendo em outras divindades novas.”²

Levado a julgamento, foi condenado à morte. Como e por que isso ocorreu?

Tudo começou quando Sócrates tomou conhecimento de que o oráculo do templo de Delfos, dedicado ao deus Apolo, havia proclamado que ele era o homem mais sábio de Atenas. Não se considerando como tal, mas, ao mesmo tempo, não podendo duvidar da palavra do deus, decidiu investigar o significado de tal revelação.

Procurou, então, aqueles cidadãos mais ilustres de Atenas e que eram tidos como os mais sábios da cidade. Eles pertenciam a três categorias sociais: os políticos, os poetas (autores de tragédias, como Aristófanes, e de ditirambos – cantos religiosos em homenagem ao deus Dionísio) e os artesãos.

Interrogando esses cidadãos (por meio de seu método dialético), constatou que, na realidade, nada sabiam dos assuntos em que eram tidos como sábios. Ao término da conversa com cada uma dessas pessoas Sócrates concluía:

“Sou mais sábio do que esse homem; nenhum de nós dois realmente conhece algo de admirável e bom, entretanto ele julga que conhece algo quando não conhece, enquanto eu, como nada conheço, não julgo tampouco que conheço. Portanto, é provável, de algum modo, que nessa modesta medida seja eu mais sábio do que esse indivíduo – no fato de não julgar que conheço o que não conheço”³.

Daí a famosa expressão atribuída a Sócrates: “Sei que nada sei”.

Acontece que Sócrates praticava esses diálogos em praça pública, à vista de todos. Dentre os presentes havia sempre muitos jovens, filhos de famílias ricas, que dispunham de tempo livre (já que não precisavam trabalhar) e, por isso, podiam acompanhá-lo nessas ocasiões. Eles se divertiam vendo Sócrates “desbançar” os que se julgavam sábios e, mais tarde, punham-se a imitá-lo, interrogando outras pessoas e descobrindo muitas que supunham saber o que de fato não sabiam. Essas pessoas, que em geral eram gente importante e de prestígio na cidade, sentindo-se constrangidas, tornavam-se furiosas não contra esses jovens, mas contra aquele que consideravam responsável por tê-los ensinado tal comportamento; e passavam a propagar que: “Sócrates é o mais pestilento dos indivíduos e está corrompendo a juventude”. Na verdade, quando indagadas, tais pessoas não conseguiam provar tal acusação. Mas para esconder seu constrangimento, lançavam mão daquelas acusações que sempre são usadas contra todo “filósofo, ou seja, que [ensina] ‘as coisas no ar e as coisas sob a terra’ e ‘não crê nos deuses’, e ‘torna mais forte o argumento mais fraco’.”⁴ Esta é a origem das “inimizades, a um tempo implacáveis e afitivas”, do ódio, das “calúnias” e das acusações contra Sócrates⁵ e que acabaram por levá-lo à morte.

No fundo, Sócrates foi condenado porque, na democracia ateniense, os assuntos mais importantes da vida da cidade eram decididos em assembleias (*ekklesia*) nas quais cada cidadão podia expressar livremente sua **opinião** a favor ou contra uma determinada posição. Era, pois, um regime político sustentado pela crença no valor das opiniões. Ora, o que Sócrates fazia com sua dialética era justamente pôr em cheque as opiniões, mostrando que, muitas vezes, elas refletiam um conhecimento falso sobre o assunto em questão. Assim, para as pessoas importantes da cidade que costumavam discursar nessas assembleias, a “má” influência de Sócrates, sobretudo sobre os jovens, representava uma ameaça ao sistema democrático do qual se beneficiavam. Eis aí a natureza política da condenação de Sócrates.

¹ PLATÃO. Apologia de Sócrates. *Diálogos socráticos III*. Tradução Edson Bini. São Paulo/Bauru: Edipro, 2008. p. 139 [19 b-c].

² Idem, p. 146 [24 c].

³ Idem, p. 142-143 [21 d].

⁴ Ibidem, p. 145 [23 d].

⁵ Ibidem, p. 144 [23 a].

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

1. Leia o texto a seguir, extraído do artigo intitulado “Errar é humanas”, de Gustavo Ioschpe, articulista da revista *Veja*. Em seguida, considerando também o ocorrido com Sócrates, escreva uma breve reflexão (10 a 15 linhas) sobre o tema: “A natureza política do preconceito e da intolerância com a Filosofia”.



LIÇÃO DE CASA



1. Pesquise na internet, ou em outras fontes, piadas sobre a Filosofia e os filósofos. Transcreva pelo menos uma e leve para a aula seguinte para ser objeto de discussão em sala.

Area for writing the answer to the homework task, consisting of 20 horizontal lines.

O que eu aprendi...

A series of horizontal dashed lines for writing, spanning most of the page width.





SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2 FILOSOFIA: DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

As frases a seguir são expressões corriqueiras, extraídas da linguagem cotidiana.

“O <i>essencial</i> é invisível aos olhos.”	“As <i>aparências</i> enganam.”
“A <i>justiça</i> tarda, mas não falha.”	“Todos somos <i>iguais</i> perante a lei.”
“É preferível a <i>democracia</i> à ditadura.”	“A <i>liberdade</i> exige <i>responsabilidade</i> .”
“A <i>felicidade</i> não se compra.”	“O <i>amor</i> é lindo.”

1. Discuta com seus colegas e responda:

a) O que os termos destacados significam para você?

b) Você sabia que esses termos são, na verdade, conceitos filosóficos que se tornaram senso comum?

c) Cite mais algumas expressões do senso comum que contenham conceitos filosóficos.



Leitura e Análise de Texto

Texto 1 – Todos os homens são “filósofos”

Antonio Gramsci, um filósofo italiano do século passado, já alertava para a necessidade de se combater o preconceito muito difundido de que a Filosofia é uma atividade intelectual muito difícil e, por isso, restrita a uma minoria de inteligência supostamente privilegiada. Isso porque, para ele, num certo sentido, “todos os homens são ‘filósofos’”, pois, de algum modo, todas as pessoas, sem distinção, independentemente de seu grau de escolaridade, lidam, convivem, trabalham com a Filosofia e a utilizam no seu dia a dia, mesmo que não se apercebam disso. Afinal, a Filosofia está presente “na linguagem, no senso comum, no bom senso, na religião”, enfim, “em todo sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ser e agir” que caracteriza o que convencionalmente se denomina de “folclore”¹ e do qual todos participam².

A Filosofia está presente na linguagem porque esta não é pura e simplesmente um amontoado de “palavras gramaticalmente vazias de conteúdo”. Ao contrário, ela é um “conjunto de noções e conceitos determinados”³, muitos dos quais derivados da Filosofia, como vimos nas frases apresentadas. Portanto, a Filosofia está presente na linguagem que utilizamos, mesmo que não tenhamos consciência disso. Daí por que, para Gramsci: “Linguagem significa também cultura e filosofia (ainda que no nível do senso comum)”⁴.

O senso comum é o conjunto de valores, crenças, opiniões, preferências, que constitui a nossa visão de mundo e que orienta nossas ações e escolhas cotidianas. Em geral é assimilado acriticamente, sem qualquer questionamento. A exemplo do que acontece com a linguagem, muitos desses valores e crenças têm origem na Filosofia, mas nós os assimilamos espontaneamente, sem nos darmos conta de sua origem. Simplesmente pensamos e vivemos de uma determinada maneira, acreditamos em certo grupo de valores, defendemos alguma posição política, ideológica ou religiosa, e assim por diante, sem, no entanto, nos preocuparmos em fundamentar nossas opiniões. Ao contrário, contentamo-nos com argumentos superficiais, muitas vezes até inconsistentes ou contraditórios.

O “bom senso”, por sua vez, “é algo que se contrapõe ao senso comum” e, nesse sentido, “coincide com a filosofia”⁵. Enquanto o senso comum é acrítico, espontâneo, irrefletido, o bom senso implica refletir, tomar consciência de que os acontecimentos possuem uma dimensão racional e que, portanto, devem ser compreendidos e enfrentados também de forma racional, a fim de se obter uma orientação consciente para a ação, evitando se deixar levar por “impulsos instintivos e violentos”⁶.

Esse “bom senso” é o que Gramsci chamou de “núcleo sadio do senso comum”⁷. Ou seja, mesmo no nível do senso comum é possível refletir, pensar de maneira crítica sobre a realidade, tomar consciência dela e agir de modo coerente com essa consciência. E isso, de certo modo, já é “filosofar”, pelo menos um filosofar ao nível do senso comum. De

fato, não é raro vermos pessoas simples, às vezes com pouca ou nenhuma escolaridade, que revelam um entendimento aguçado e bem elaborado da realidade em que vivem.

Finalmente a Filosofia está presente na religião porque também na experiência religiosa nos deparamos com questões e conceitos (Deus, alma, morte etc.) que foram e continuam sendo objeto da reflexão e da elaboração dos filósofos.

Portanto, se a Filosofia está contida na linguagem, no senso comum, no bom senso e na religião, podemos dizer então que ela está presente em todas as dimensões da vida humana, sendo, portanto, familiar a todas as pessoas. Afinal, toda atividade humana, mesmo aquelas que são predominantemente práticas (as diversas formas de trabalho manual, por exemplo), é sempre acompanhada de um pensar, de um saber, em suma, de um trabalho intelectual, racional, reflexivo. É nesse sentido que podemos afirmar que “todos os homens são ‘filósofos’”.

¹ Folclore: do Inglês, *folk* = povo, nação + *lore* = conhecimento tradicional, instrução, educação. Portanto, o termo “folclore” pode ser traduzido genericamente como “conhecimento popular” ou “cultura popular” ou ainda como “senso comum”.

² GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao estudo da Filosofia. In: *Cadernos do cárcere*; Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 93.

³ Idem.

⁴ Ibidem, p. 398.

⁵ Ibidem, p. 96.

⁶ Ibidem, p. 98.

⁷ Ibidem, p. 98.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Texto 2 – Bom conselho

Chico Buarque

Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado
Quem espera nunca alcança

Venha meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo

Faça como eu faço

Aja duas vezes

Antes de pensar

Corro atrás do tempo

Vim de não sei onde

Devagar é que não se vai longe

Eu semeio vento

Na minha cidade

Vou pra rua e bebo a tempestade

© Marola Edições Musicais Ltda.

1. À luz dos conceitos de *senso comum* e *bom senso* extraídos do texto apresentado, comente o significado que têm para você os seguintes ditados:

Se conselho fosse bom não se dava de graça.

É só dormir que a dor passa.

Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.

Quem brinca com fogo acaba se queimando.

Quem espera sempre alcança.

Pense duas vezes antes de agir.

Devagar se vai ao longe.

Quem semeia vento colhe tempestade.

2. Em seguida, compare-os à versão em que aparecem na canção *Bom conselho*, de Chico Buarque, e responda:

a) O que a inversão, efetuada por Chico Buarque, provoca nos ditados?

b) O que foi preciso ao compositor para chegar ao resultado por ele obtido?

c) Como os conceitos de *senso comum* e *bom senso* podem ser associados a essas duas versões dos ditados?



PESQUISA INDIVIDUAL

1. Encontre o poema *Operário em construção*, de Vinicius de Moraes, e, valendo-se dos conceitos de *senso comum* e *bom senso*, analise a trajetória percorrida pela consciência do operário.

Filósofos e “filósofos”

1. Reflita por alguns instantes sobre o significado da afirmação:

Todo brasileiro é um técnico de futebol, embora nem todos exerçam essa função profissionalmente.

Em seguida, responda: Você vê alguma relação entre a frase anterior e a formulada por Gramsci?

Todos os homens são “filósofos”.

2. Observe que a palavra “filósofos” aparece entre aspas. O que isso quer dizer?



Leitura e Análise de Texto

Filósofos e “filósofos”

Se “todos os homens são ‘filósofos’”, como quer Gramsci, qual é, então, a diferença entre o filosofar de uma pessoa comum e o de um filósofo profissional ou especialista? O próprio autor esclarece:

“O filósofo profissional ou técnico não só ‘pensa’ com maior rigor lógico, com maior coerência, com maior espírito de sistema do que os outros homens, mas conhece toda a história do pensamento, isto é, sabe as razões do desenvolvimento que o pensamento sofreu até ele e está em condições de retomar os problemas a partir do ponto em que eles se

encontram após terem sofrido a mais alta tentativa de solução etc. Ele tem, no campo do pensamento, a mesma função que nos diversos campos científicos têm os especialistas.”¹

Trocando em miúdos, podemos dizer que o filósofo especialista: pensa, reflete, raciocina observando mais cuidadosamente as regras da lógica e os procedimentos metodológicos que utiliza; conhece a história do pensamento, isto é, a história da Filosofia; é capaz de analisar os problemas de seu tempo à luz da contribuição dos filósofos do passado que já se debruçaram sobre eles.

Mas se existe essa diferença entre o filósofo especialista e o não especialista, por que então afirmar que “todos os homens são ‘filósofos?’” Justamente para combater e destruir aquele preconceito de que a Filosofia é uma atividade muito difícil e restrita a uma minoria.

É importante perceber que a propagação desse preconceito cumpre uma função política conservadora, na medida em que afasta a Filosofia do contato com as massas, com o povo, com as pessoas mais simples. Dessa forma, impedidas de se apropriar dos conceitos e das teorias elaboradas pelos filósofos, as pessoas ficam desprovidas dessas ferramentas intelectuais que lhes permitiriam superar mais facilmente o senso comum e adquirir um conhecimento mais crítico e elaborado da realidade em que vivem.

Além disso, cabe afirmar que todos os homens são “filósofos” para deixar claro que todas as pessoas são potencialmente capazes de avançar de um “filosofar” espontâneo, assistemático, restrito ao senso comum, para um filosofar mais elaborado e rigoroso, semelhante ao praticado pelos filósofos especialistas. Para isso, é necessário que a Filosofia e os filósofos estejam em permanente contato com o povo, a fim ajudarem a promover um avanço cultural de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais. Só através desse contato é que uma filosofia se torna “histórica”, depura-se de elementos intelectualistas de natureza individual e se transforma em “vida”.²

¹ GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao estudo da Filosofia. In: *Cadernos do cárcere*: Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 410.

² Idem, p. 100.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

1. Leia atentamente o texto apresentado e responda:

a) Qual é a diferença entre o “filósofo” e o filósofo especialista, segundo Gramsci?

b) Qual é o objetivo de Gramsci ao afirmar que todos os homens são “filósofos”?

c) Explique por que a ideia de que a Filosofia é uma atividade muito difícil e acessível apenas a poucos privilegiados é politicamente conservadora.

2. Para você, o ensino de Filosofia na escola pode ser uma forma de aproximá-la do povo e de promover um avanço de massa? Justifique.



LIÇÃO DE CASA



- Leia o texto a seguir e, com base no que estudou, explique o sentido das palavras do autor.



Leitura e Análise de Texto

“É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar, preliminarmente, que todos os homens são ‘filósofos’, definindo os limites e as características dessa ‘filosofia espontânea’ peculiar a ‘todo mundo’, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ser e de agir que se manifestam naquilo que se conhece geralmente por ‘folclore’.”

GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao estudo da Filosofia. In: *Cadernos do cárcere*; Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 93.

A Filosofia como amor pelo saber

1. Interprete e escreva o que entendeu sobre a frase: *O filósofo é aquele que se situa entre a ignorância e a sabedoria.*

2. Com base no que estudou até aqui, escreva no espaço reservado uma breve definição de Filosofia.

- A Filosofia é:

3. Qual é a diferença entre saber alguma coisa e opinar sobre ela?



Leitura e Análise de Texto

O que é, afinal, a Filosofia?

Começemos pela origem da palavra. *Filosofia* vem do grego (*philo* = amigo ou amante + *sophia* = saber, sabedoria) e significa amor ou amizade pelo saber. Quem ama sente-se

carente do objeto amado e, por isso, vai à sua procura. No caso do filósofo, como o objeto de seu desejo é o saber, o conhecimento, é este que ele busca.

Para explicar o sentido dessa atitude de busca do saber, própria da Filosofia, Platão, em sua obra *O banquete*, recria, pela boca de Sócrates, o mito do nascimento do Amor.

Quando nasceu Afrodite, conta Sócrates, os deuses deram um banquete para celebrar a ocasião. Entre eles, encontrava-se também Recurso, filho de Prudência. Quando o jantar terminou, Pobreza chegou e postou-se à porta para esmolar. Recurso havia se embriagado e, dirigindo-se ao jardim de Zeus, adormeceu. Pobreza, aproveitando-se da situação, deitou-se ao seu lado e concebeu o Amor. Assim, gerado no dia do nascimento de Afrodite, Amor tornou-se seu companheiro e servo e, ao mesmo tempo, amante do belo, pois Afrodite é bela.

Por ser filho de Pobreza e Recurso, ele é, por parte de mãe, “sempre pobre”, carente e padecedor de muitas necessidades; por parte de pai, porém, “ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista.”¹

Por essa sua natureza dividida, Amor está no meio entre a sabedoria e a ignorância. A sabedoria é a condição daquele que já possui o saber e, por isso, não sente necessidade de buscá-lo. É o caso dos deuses. Por isso os deuses não filosofam. Os ignorantes, por sua vez, embora nada saibam, julgam saber o suficiente e, por isso, não anseiam por saber mais. Logo, também não filosofam.

Quem então filosofa?, pergunta Sócrates. Aqueles que estão entre esses dois extremos: a sabedoria e a ignorância. Um deles é o Amor.

“Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante. E a causa dessa sua condição é a sua origem: pois é filho de um pai sábio e rico e de uma mãe que não é sábia, e pobre.”²

Mas o saber que o filósofo almeja não é de um tipo qualquer. Não é, por exemplo, aquele do senso comum que se expressa como opinião e ao qual os gregos antigos denominavam *doxa*. O saber buscado pelo filósofo é *sophia*, isto é, um saber bem fundamentado, amparado em demonstrações racionais consistentes e passível de ser considerado verdadeiro, independentemente das opiniões particulares. O mesmo tipo de saber buscado por Sócrates por meio de seu método dialético. Não fosse assim o termo *philosopho* (amante do saber) deveria ser substituído por *philodoxo* (amante da opinião).

¹ Platão. *O banquete*. Rio de Janeiro: Difel. 1983. p. 35.

² Idem, p. 36.

- Com base na leitura do texto apresentado, responda:

1. Em que sentido Platão afirma que filosofam aqueles que se encontram entre a sabedoria e a ignorância?

2. Em que consiste a diferença entre o *philosopho* e o *philodoxo*?

3. Qual desses adjetivos se aplica melhor a você? Justifique.

A Filosofia como reflexão

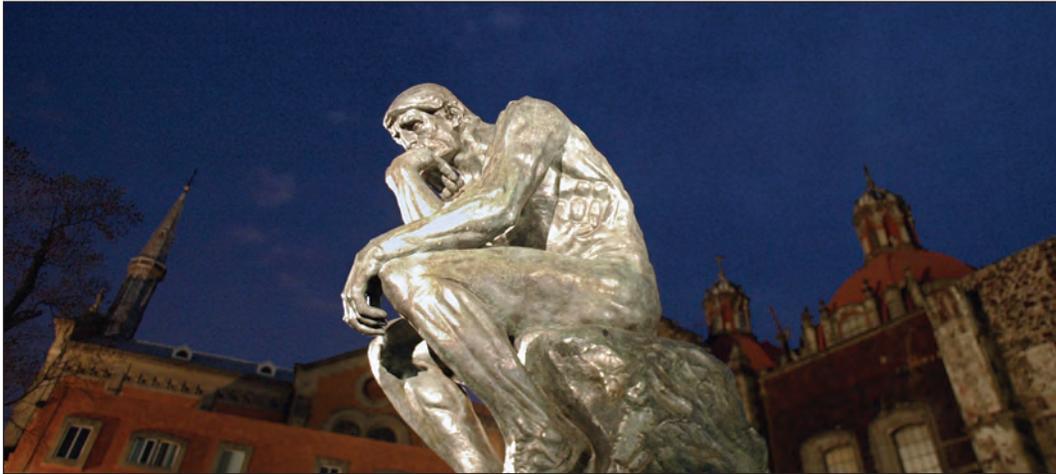
1. Comente no espaço reservado o significado da citação:

“Se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão.”

SAVIANI, Dermeval. A filosofia na formação do educador. In: _____. *Educação: Do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 20. <<http://www.autoresassociados.com.br>>.

2. Em seguida, contemplando a obra de arte *O pensador*, responda: O que ela lhe diz sobre o conceito de reflexão?

© Alfredo Estrella/AFP Photo-Certy Images



Auguste Rodin. *O pensador*, 1902, bronze, Museu Rodin, Paris.



Leitura e Análise de Texto

A Filosofia como reflexão

Vimos que etimologicamente a palavra filosofia significa busca do conhecimento verdadeiro, ou seja, busca da verdade. A forma pela qual a Filosofia realiza essa busca da verdade é por meio da reflexão. Mas o que é refletir?

Como nos lembra o professor Dermeval Saviani¹: “se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão”. O pensamento é um ato corriqueiro, singelo, espontâneo, que realizamos descompromissadamente a todo instante, até mesmo sem perceber. A reflexão, por sua vez, é uma atitude mais consciente, mais comprometida, que implica pensar mais profundamente sobre um determinado assunto, repensá-lo, problematizá-lo, submetendo-o à dúvida, à crítica, à análise, buscando seu verdadeiro significado.

Assim, o pensamento pode ser reflexivo ou não. Acontece que nem toda reflexão é filosófica. Segundo Saviani, para isso ela precisa satisfazer, ao mesmo tempo, a pelo menos três exigências:

- ser *radical*, isto é, analisar em profundidade o problema em questão, buscando chegar às suas raízes, aos seus fundamentos;
- ser *rigorosa*, ou seja, proceder com coerência, de forma sistemática, segundo um método bem definido para propiciar conclusões válidas e bem fundamentadas;
- e ser *de conjunto*, isto é, tomar o objeto em questão não de forma isolada e abstrata, mas numa perspectiva de totalidade, ou seja, levando em consideração os diversos fatores que, num dado contexto, o determinam e condicionam.

Além disso, vale lembrar que filosofar implica questionar o senso comum. Para tanto, é preciso utilizar certos conceitos e teorias necessários para a compreensão mais aprofundada dos temas e problemas sobre os quais se vai refletir. Ora, como estes conceitos e teorias estão contidos nas obras dos filósofos, é importante estudar tais obras, não para memorizar mecanicamente, mas para compreendê-las e a partir desta compreensão questionar o senso comum e transformar nossas representações primeiras sobre diferentes temas da vida cotidiana, da vida em sociedade.

Mas, ao entrarmos em contato com a obra de um filósofo, não apreendemos apenas os conceitos por ele desenvolvidos. Apreendemos também o seu jeito de pensar, de raciocinar, de argumentar, de organizar as ideias, enfim, o seu “estilo reflexivo”², o que também nos ajuda a melhorar cada vez mais nosso próprio jeito de pensar.

É dessa forma, estudando o pensamento dos filósofos e nos exercitando mais e mais na prática da reflexão, que nos tornamos cada vez mais filósofos.

¹ SAVIANI, Demerval. A filosofia na formação do educador. In: _____. *Educação: Do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 20. <<http://www.autoresassociados.com.br>>.

² SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Proposta Curricular para o Ensino de Filosofia: 2º Grau*. São Paulo: SE/CENP, 1992 (2ª versão preliminar).

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

1. Explique o significado da frase:

A filosofia é uma “reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta”.

SAVIANI, Dermeval. A filosofia na formação do educador. In: _____. *Educação: Do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 20. <<http://www.autoresassociados.com.br>>.

2. Com base na definição de Filosofia proposta por Saviani, responda: Quem pode, afinal, filosofar?



Leitura e Análise de Texto

Para que serve a Filosofia? Qual é sua utilidade? Para responder a essa pergunta precisamos antes fazer algumas outras: O que entendemos por útil? Quem nos dá os critérios a partir dos quais consideramos algumas coisas úteis e outras inúteis? Conhecemos de fato esses critérios? Paramos para pensar sobre eles? Tomamos conscientemente a decisão de aceitá-los? Por que perguntamos sobre a utilidade de certas coisas e não de outras? Haveria pessoas ou grupos interessados em mostrar algumas coisas como úteis e outras como inúteis? Quando dizemos que, para nós, uma determinada coisa não serve para nada, estamos expressando um conhecimento efetivo sobre essa coisa ou, na verdade, apenas reproduzimos a “opinião” geral, o “senso comum”, a visão hegemônica a respeito dela? Estamos agindo com autonomia e liberdade? Poderíamos formular ainda inúmeros outros questionamentos derivados daquele inicialmente apresentado. E, ao fazê-lo, já estaríamos nos situando dentro da Filosofia, isto é, já estaríamos, num certo sentido, filosofando. Afinal, filosofar é, também, não aceitar como verdadeira qualquer ideia sem antes submetê-la à dúvida, à investigação, à reflexão crítica e rigorosa. Ora, isso significa que, para demonstrar com consistência a utilidade ou inutilidade da Filosofia, ou de qualquer outra coisa, já teríamos que filosofar.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

“[...] é preferível ‘pensar’ sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, ‘particular’ de uma concepção do mundo ‘imposta’ mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos vários grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente [...] ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho próprio do cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?”

GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao estudo da Filosofia. In: *Cadernos do cárcere*, Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 93-94.

- Com base na leitura dos excertos apresentados, discuta com seus colegas:

1. Para que serve, afinal, a Filosofia?

2. É importante estudar Filosofia na escola?

O que eu aprendi...

O que eu aprendi...

A series of horizontal dashed lines for writing, spanning most of the page width.





SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 A CONDIÇÃO ANIMAL COMO PONTO INICIAL NO PROCESSO DE COMPREENSÃO SOBRE O HOMEM

O homem: um ser entre os demais seres da natureza

Esta Situação de Aprendizagem tem como objetivo dar início à reflexão sobre os seres humanos, destacando a importância de se admitir sua condição de animal dotado de um corpo que o aproxima e o distingue dos demais seres do planeta. Admitir essa aproximação e essa distinção requer um esforço típico da reflexão filosófica, indubitavelmente necessária para a formação ética e para a construção de convivência humana solidária. Afinal, uma das perguntas centrais da Filosofia é exatamente: *Quem somos nós, seres humanos?* E ainda: *Qual a nossa condição de transformar o mundo em que vivemos em um lugar melhor?*

Nesta Situação de Aprendizagem, começaremos por aquilo que nosso olhar constata de imediato quando mira um ser humano e a si mesmo, ou seja, começaremos pela evidência de que temos um corpo. E esse corpo nos remete ao lugar dos animais, em primeiro lugar. Desse modo, as primeiras perguntas em nossa reflexão filosófica são: *Que espécie de animal nós somos? O que nos caracteriza? O que nos marca como animais da espécie humana?*

Atividade em grupo

O professor levará um conjunto de imagens que poderão ser de revistas, fotos, reprodução de obras de arte. Ajude a organizar seu grupo, que poderá contar com cerca de cinco participantes. O objetivo é conversar sobre as perguntas enunciadas e selecionar imagens (fotos, reprodução de obras de arte plástica, desenhos, figuras de revistas), com o seguinte objetivo: expressar o que é o ser humano. A imagem selecionada deve expressar o entendimento do seu grupo sobre o ser humano. A ideia é que falem com a ajuda das imagens, em um primeiro momento. Essa associação tem como objetivo provocar um primeiro esforço de reflexão e favorecer o pensamento e a fala de vocês, estudantes, sobre o tema. Com a mediação da imagem, as palavras são encontradas com maior facilidade.

Quando vocês concluírem a seleção, deverão registrar por escrito as justificativas para a escolha de sua imagem. Essa justificativa pode ser escrita com a ajuda das perguntas:

1. Por que escolheram esta imagem?

2. O que pode ser observado nela?

Esse registro é importante como memória para os grupos, pois as imagens serão apresentadas em um painel que permitirá uma reflexão em diálogo com as imagens de todos os grupos.



O que pensam os diferentes grupos

Durante a apresentação do seu grupo, tomem cuidado para falar com clareza e de forma que os demais grupos possam compreender. Durante a apresentação dos outros grupos, ouçam com atenção e registrem se tiverem alguma dúvida ou desejarem questionar aspectos do conteúdo apresentado.

A mesma escuta atenta deve ser dedicada aos questionamentos do professor e à sua síntese sobre o tema em questão.

Pascal e Descartes: o que dizem os dois filósofos

Uma ideia importante desta Situação de Aprendizagem é considerarmos a perspectiva de não nos vermos como seres distintos e superiores, mas distintos e ocupantes de um mesmo contexto material, natural; distintos e responsáveis, justamente por sermos seres de consciência, capazes de prever consequências, assumir equívocos e rever metas contemplando a preservação da própria vida e a de outros seres.

Dois filósofos, Pascal e Descartes, nos oferecem dois textos interessantes para inspirar esta consciência sobre nossa inserção em uma natureza material assim como todos os seres que nos cercam.

O texto de Pascal é *O homem perante a natureza* e o texto de Descartes, *Meditações*. Os dois foram escritos no século XVII. Destacamos dois fragmentos desses textos para a reflexão em sala de aula.



Leitura e Análise de Texto

Fragmento 1

“E, primeiramente, não há dúvida de que tudo o que a natureza me ensina contém alguma verdade. [...] Ora, nada há que esta natureza me ensine mais expressivamente, nem mais sensivelmente do que o fato de que tenho um corpo que está mal disposto, quando sinto dor, que tem necessidade de comer ou de beber, quando nutro sentimentos de fome e de sede etc. E, portanto, não devo, de modo algum, duvidar que haja nisso alguma verdade.

A natureza me ensina também por estes sentimentos de dor, fome, sede, etc. que não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo. [...]

Além disso, a natureza me ensina que muitos outros corpos existem em torno do meu, entre os quais devo procurar uns e fugir de outros.”

DESCARTES, René. *Meditações*. In: _____. *Obra escolhida*. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973. p. 189-190.

Fragmento 2

“A primeira coisa que se oferece ao homem ao contemplar-se a si próprio, é seu corpo, isto é, certa parcela de matéria que lhe é peculiar. Mas, para compreender o que ela representa e fixá-la dentro de seus justos limites, precisa compará-la a tudo o que se encontra acima ou abaixo dela. Não se atenha, pois, a olhar para os objetos que o cercam, simplesmente, mas contemple a natureza inteira na sua alta e plena majestade. Considere esta brilhante luz colocada acima dele como uma lâmpada eterna para iluminar o universo, e que a Terra lhe apareça como um ponto na órbita ampla deste astro e maravilhe-se de ver que essa amplitude não passa de um ponto insignificante na rota dos outros astros que se espalham pelo firmamento. E se nossa vista aí se detém, que nossa imaginação não pare; mais rapidamente se cansará ela de conceber, que a natureza de revelar. Todo esse mundo visível é apenas um traço perceptível na amplidão da natureza, que nem sequer nos é dado a conhecer de um modo vago. Por mais que ampliemos as nossas concepções e as projetemos além de espaços imagináveis, concebemos tão somente átomos em comparação com a realidade das coisas. [...]

Afinal que é o homem dentro da natureza? Nada, em relação ao infinito; tudo, em relação ao nada; um ponto intermediário entre o tudo e o nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas quanto o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve.”

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Parte dois.

- Após a leitura dos dois fragmentos, compare os dois textos.

1. Quais os argumentos que se aproximam, isto é, que nos fazem pensar ideias semelhantes ou iguais?

2. Quais os argumentos diferentes? O que nos permite dizer que existem diferenças entre os dois textos?

3. Após o registro das respostas, você pode trocar seu texto com outros colegas, em um subgrupo, e elaborar uma síntese da conversa e das informações adquiridas para ser apresentada na próxima aula.



LIÇÃO DE CASA



Você poderá buscar textos em outras disciplinas, como História, Biologia e Sociologia, sobre essa relação entre a forma do corpo humano e a construção da humanidade tal como a conhecemos atualmente. Caso não encontre em seus livros e cadernos dessas disciplinas, consulte a biblioteca ou mesmo a internet.

- Após essa busca nos materiais de outras disciplinas, selecione letras de músicas ou filmes que tragam em suas mensagens a possibilidade de responder à questão:

Quais os desafios que o fato de ter um corpo me traz?



Lembrando que para essas apresentações são sempre importantes o silêncio e a atenção durante as falas dos colegas, bem como a manifestação das dúvidas e dos questionamentos.

A língua e os saberes coletivos

1. Para refletirmos sobre a natureza da língua, do uso das palavras, imagine o desafio de explicar o significado da palavra “caneta” para um ser extraterrestre que não conhece os objetos da Terra e tampouco as línguas aqui faladas. Criem uma maneira para realizar essa explicação.
2. Apresente a solução encontrada e ouça as demais soluções. Discuta os resultados, com a ajuda das seguintes questões:

a) Qual foi a maior dificuldade para realizar essa tarefa?

b) Quais as conclusões elaboradas?



VOCÊ APRENDEU?



1. Em um diálogo escrito por Platão denominado *Fedro*, encontramos a afirmação de que a língua é *Pharmacon*, que significa ao mesmo tempo *veneno*, *remédio* e *cosmético*. Registre abreviadamente no quadro a seguir uma situação do cotidiano na qual a língua é veneno, outra na qual é cosmético e outra na qual é remédio.

A large rectangular area with rounded corners, containing 25 horizontal lines for writing.



PARA SABER MAIS

- ARISTÓFANES. *As nuvens; Só para mulheres; Um deus chamado dinheiro*. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. A obra traz as três comédias indicadas no título, antecedidas por uma introdução, escrita pelo tradutor, na qual este apresenta sucintamente o enredo desses textos.
- ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. A passagem referente à anedota sobre Tales encontra-se no capítulo II do Livro I, dedicado à propriedade e aos meios de adquiri-la.
- _____. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- CHAUI, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Esta obra pode ser de grande ajuda, particularmente os capítulos 2 e 3, intitulados, respectivamente, *Os pré-socráticos e Os sofistas e Sócrates: o humano como tema e problema*.
- HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PLATÃO. Apologia de Sócrates. In: *Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1972. (Os Pensadores). Esta obra é fundamental para a discussão sobre o preconceito contra Sócrates e a intolerância com ele. Você pode, inclusive, extrair dela outras passagens que considerar adequadas para aprofundar a discussão ou mesmo estimular os alunos a lê-la por completo.
- PLATÃO. *O banquete*. Rio de Janeiro: Difel, 2008.
- _____. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- *Pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os pensadores).
- SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Proposta Curricular para o Ensino de Filosofia: 2º Grau*. São Paulo: SE/CENP, 1992 (2ª versão preliminar).

O que eu aprendi...

The page features a spiral binding on the left side, with three rings visible at the top and three at the bottom. The main body of the page is filled with horizontal dashed lines, providing a guide for handwriting. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page, leaving a small margin on the left and right sides.

O que eu aprendi...

A series of horizontal dashed lines for writing, spanning most of the page width.

